



A função empresarial em Schumpeter e Lachmann: um diálogo possível?

The business function in Schumpeter and Lachmann: a possible dialogue?

DOI: 10.23925/1806-9029.36i1(65)67290

Autores: **Paulo Rogério Scarano** - Universidade Presbiteriana Mackenzie (Professor). E-mail: paulo.scarano@mackenzie.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9882-2197> e **Bruno Pacheco Heringer** – mestre em Economia Política da PUC-SP. E-mail: heringer.bruno@outlook.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9254-2760>.

Resumo

Este trabalho objetiva analisar os pontos de contato e de divergência em relação ao papel do empresário para Schumpeter e Lachmann, um economista vinculado à escola austríaca, mas influenciado pela visão pós-keynesiana de expectativas. Apesar de pertencerem a gerações e vertentes econômicas distintas, o trabalho identifica que seus pontos de convergência são significativos, mostrando que para ambos a ação do empresário é baseada em expectativas e tem um caráter desequilibrador, que é fundamental para o desenvolvimento do capitalismo. Combinar as perspectivas desses autores fornece uma visão mais rica e compreensiva sobre esse processo.

Palavras-chave: Empresário. Inovações. Desequilíbrio. Expectativas. Estrutura do capital.

Abstract

The present paper aims to investigate points of contact and divergence about the role of the entrepreneurial function for Schumpeter and Lachmann, a German-born Austrian economist, influenced by the post-Keynesian view of expectations. Despite belonging to different generations and economic currents, the paper shows that their points of contact are significant, demonstrating that for both authors entrepreneurial action is founded upon expectations and has a disequilibrating character, which is fundamental for the development of capitalism. Combining both authors' perspectives allow for a richer and more comprehensive view of this process.

Keywords: Entrepreneur. Innovations. Disequilibrium. Expectations. Capital structure.

JEL: O10



Introdução

A análise sobre o papel do empresário é um tema relevante para a condução de pesquisas que buscam uma melhor compreensão sobre as circunstâncias efetivas em que se dão as ações humanas, em especial a tomada de decisão de investimento. As decisões a respeito da estrutura produtiva e sua importância para o funcionamento da economia justificam a análise do papel do empresário e sua relação com o capital, pela teoria econômica.

A corrente principal do pensamento econômico, que se dividia em análises de equilíbrio parcial e de equilíbrio geral, abraçava a definição de Robbins (2012, p. 15), para quem a “Economia é a ciência que estuda o comportamento humano como uma relação entre fins e meios escassos que têm usos alternativos”. Com raras exceções, com destaque para Marshall, pouca atenção foi dada para o papel do empresário, que basicamente era visto como um agente otimizador no uso de meios dados para fins conhecidos. Coube a Schumpeter, um economista de origem austríaca e aluno de Böhm-Bawerk, destacar o papel do empresário para a introdução de inovações, ajudando a explicar o desenvolvimento econômico, que rompe com o estado estático do equilíbrio geral.

Apesar de ainda pouco conhecido no Brasil, coube a Ludwig Lachmann, um economista formado na tradição austríaca e fortemente influenciado por Hayek, mostrar que como os fins estão no futuro e, portanto, não são dados, cabe ao empresário imaginar ativa e constantemente as possíveis combinações de meios para atingir os seus planos. É nesse ponto que o trabalho de Lachmann incorpora a noção de expectativas, influenciada pela contribuição de seu amigo George Shackle, um economista inglês, caracterizado como pós-keynesiano. Para Lachmann, a ação do empresário é permanentemente desequilibradora. Essa postura de Lachmann desafiava a ênfase na formalização e na análise de equilíbrio geral, predominantes no *mainstream economics*. Lachmann articulou, ainda, sua interpretação da função empresarial com a abordagem da organização da estrutura de capital.

Este trabalho parte da conjectura de que é possível compreender melhor a dinâmica do processo de mercado ao investigar-se as posições schumpeteriana e lachmanniana, apontando suas diferenças e pontos de contato. Ademais, o cotejamento das perspectivas de Schumpeter e Lachmann quanto à ação empresarial pode oferecer novas perspectivas para conduzir estudos de caso dos impactos da introdução de inovações no mercado, ao combinar a visão heterogênea do capital com a ação disruptiva do empresário.

Considerados os pontos acima, o presente trabalho empreende uma revisão da literatura com uso das obras e artigos de Schumpeter e Lachmann, além de fontes secundárias de apoio à pesquisa. Após a presente introdução, o trabalho está organizado em três seções, seguidas das considerações finais. Na primeira seção discorre-se brevemente sobre a formação intelectual de Schumpeter, sua aproximação da abordagem walrasiana do equilíbrio geral, sua explicação sobre como as inovações rompem com o estado estático daquele equilíbrio e trata do papel do empresário para



a introdução das inovações. A segunda seção discorre brevemente sobre a formação intelectual de Lachmann e a influência dessa formação para a análise que o autor faz sobre o papel do empresário e as recombinações da estrutura de capital por ele empreendidas para o processo de mercado. Por sua vez, a terceira seção compara as perspectivas sobre o papel do empresário para Schumpeter e Lachmann, apontando semelhanças e divergências. Nas considerações finais, conclui-se apontando para a proximidade da abordagem da função empresarial na obra dos dois autores e elencam-se possíveis desdobramentos futuros dessa pesquisa.

I A abordagem empresarial de Schumpeter

Pode-se observar nos trabalhos de Joseph Schumpeter a influência de diferentes correntes e pensadores econômicos, como a austríaca de Menger e Böhm-Bawerk, a escola histórica alemã, a abordagem de equilíbrio geral de Walras, além da escola marxista. Dos Austríacos tomou o conceito de utilidade marginal, assumindo ser o único capaz de solucionar o paradoxo do valor. Schumpeter absorve de marxistas e historicistas alemães sua leitura histórica, coletando dados a respeito da estrutura institucional e social, tecendo interpretações acerca de seus desenvolvimentos, bem como sua disposição em tratar o fenômeno econômico como fonte de impactos em outras esferas das interações humanas. Adicionalmente, o ponto de partida da teoria do desenvolvimento de Schumpeter é o estado estático (fluxo circular), inspirado no equilíbrio geral walrasiano, que, no entanto, não implica repouso e admite variações adaptativas, conseguidas “através de passos infinitesimais” (Schumpeter, 2010a, p. 26). Ainda em Marx, Schumpeter verá o elemento-chave para articular sua teoria do desenvolvimento, as inovações, uma vez que já está presente em Marx a ideia de que a “burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção” (Marx; Engels, 2008, p. 15).

Assim, com os intensos debates em torno da metodologia adequada para lidar com o fenômeno econômico decorrentes da *Methodenstreit*¹, do final do século XIX, e procurando por uma possibilidade de unir-se o esforço teórico à pesquisa prática, Schumpeter vê na sociologia de Max Weber a chave para solucionar esse problema (Swedberg, 1989, p. 509–510). Isso porque a abordagem de Weber propõe que o comportamento individual explica os fenômenos sociais, ou seja, de como o conjunto de ações individuais se relacionam reciprocamente. Para tanto, Weber lança mão dos tipos ideais. Para Weber (2004):

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista e, mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente

1 A *Methodenstreit*, ou batalha dos métodos, opunha as visões da Escola Histórica Alemã e da Escola Austríaca sobre o método adequado para lidar com o fenômeno econômico. A Escola Histórica Alemã, sobretudo em sua 2ª geração, liderada por Schmoller, defendia o método indutivo-histórico, baseado em fatos concretos e que sobrepõe a coletividade ao indivíduo, enquanto a visão austríaca capitaneada por Menger defendia o método dedutivo abstrato, baseado na teoria pura, em que os resultados agregados e instituições são “subprodutos não intencionais da ação individual” (Barbieri; Feijó, 2013, p. 250).



dados, difusos e discretos, que se podem dar maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de formar um quadro homogêneo de pensamento. Torna-se impossível encontrar empiricamente na realidade esse quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia. (Weber, 2004, p. 106)

Vale observar que diversos autores apontam o uso de tipos ideais por Schumpeter, como o estado estático e o empresário empreendedor (Carlin, 1956; Macdonald, 1965; Faucci; Rodezno, 1998; Martes, 2010). Nas palavras de Faucci e Rodezno (1998, p. 36), ao avaliarem a obra de Schumpeter, “Em nossa visão, o fluxo circular é um tipo ideal, do mesmo modo que o empreendedor é um tipo ideal”².

Schumpeter desenvolve em sua primeira obra³ o núcleo metodológico que será utilizado ao longo de sua vida. Essa obra se posiciona em um contexto acalorado de discussões a respeito da teoria do capital, do valor, bem como da abordagem correta a ser utilizada pelo economista. A abordagem de Schumpeter pode ser denominada de instrumentalista: as premissas das quais se vale o economista são utilizadas na medida em que sejam capazes de explicar (prever) o fenômeno econômico, não cabendo a ele julgar se são realistas ou não. Cabe fazer três observações: o instrumentalismo é uma resposta ao problema do indutivismo, ou seja, não seria possível inferir, a partir de um fato que pode ser observado sob inúmeros pontos de vista (por vezes contraditórios), a veracidade de um esquema geral; opõe-se ao essencialismo, ou a tentativa de se intuir as propriedades ‘universais’ (em termos ideais) dos entes; objeta também o realismo, rejeitando qualquer identificação ontológica da teoria com o objeto descrito (Shionoya, 1990, P. 195).

Sua investigação em economia teórica pode, assim, ser exposta segundo três contrastes, os quais serão elaborados nesta seção: processos reais, aparatos teóricos e tipos de conduta. Os processos reais se referem aos polos opostos de tendência equilibradora e rupturas espontâneas com o fluxo circular que surgem internamente ao sistema econômico. Em seguida, discerne-se entre dois modelos que serão aplicados de acordo com os processos subjacentes: ‘estático’ e ‘dinâmico’. Por fim, Schumpeter diferenciaria os tipos ‘administrador’ e ‘empresário’ segundo seus comportamentos diante dos dados (Schumpeter, 1997, p. 90).

Visto que na ciência econômica moderna se lida com o fenômeno da troca e suas repercussões, toda investigação deve propor quais agentes são responsáveis pelos processos em questão. Nesse caso, o indivíduo torna-se a unidade fundamental do processo econômico. Como Schumpeter busca em um primeiro momento isolar a ciência econômica dos demais ramos do conhecimento, se vale do termo “individualismo metodológico” que, segundo Fritz Machlup (1951), teria sido cunhado pelo próprio autor. Nesse sentido, há peculiaridades na abordagem de Schumpeter, em relação a

² Livre tradução de “*For in our view the circular flow is also an ideal type, just as the entrepreneur is an ideal type*” (Faucci; Rodezno, 1998, p. 36).

³ *Das Wesen und der Hauptinhalt der theoretischen Nationalökonomie*, publicada originalmente em 1908. A versão utilizada neste trabalho é uma versão em inglês de 2010, traduzida como *The Nature and Essence of Economic Theory* (Schumpeter, 2010b).



Weber, a despeito do consenso de que o fluxo circular e o empreendedor são tipos ideais, em termos weberianos. Como destacam Faucci e Rodezno (1998, p. 34) enquanto Weber recorre aos tipos ideais como construções mentais não empíricas, promovendo uma síntese entre a conceitualização e a realidade empírica, Schumpeter faz uso da análise e decomposição fenômenos econômicos em dados elementares para posteriormente reconstruir as formas mais complexas, identificando esse procedimento como o individualismo metodológico, que permitiria passar dos fenômenos desagregados aos agregados⁴.

Há uma distinção subjacente à obra de Schumpeter entre as análises estática e dinâmica. A estática é a condição de equilíbrio com dados congelados, utilizada para analisar mudanças pequenas e seus efeitos sobre o sistema; sua manifestação pura se configura como um 'fluxo circular', no qual empresas carecem de incentivos para alterar suas funções de produção, inexistindo excedentes líquidos no sistema. Já na dinâmica ocorre uma ruptura com esse fluxo circular, alterando a trajetória de crescimento. Machlup cita como Schumpeter destaca a diferença entre ambas: "Estática e Dinâmica são campos completamente diferentes, lidando não apenas com diferentes problemas, como com material e métodos diferentes"⁵ (Schumpeter, 1908 Apud Machlup, 1951, P. 149). A distinção entre esses dois tipos de análise Schumpeter (Schumpeter, 1997, p. 72) atribui a J. B. Clark, que teria inclusive apontado para impactos únicos de mudanças técnica e produtiva, e são esses impactos que farão parte da teoria de desenvolvimento de Schumpeter.

Todavia, o esquema desenvolvido por Schumpeter, por ele denominado de fluxo circular, apresenta certos contrastes com a teoria do equilíbrio geral walrasiano. O ponto de contenda mais relevante é a maneira como Schumpeter elabora sua análise estática: ao contrário dos agentes walrasianos que tomam decisões ótimas, Schumpeter releva o papel da rotina, já que se considera o ambiente em que esses agentes se encontram, assim como a experiência consolidada no passado como determinantes das ações equilibradoras. Deste modo, "no conceito de fluxo circular schumpeteriano, é a adaptabilidade, não a otimalidade, que governa o comportamento individual"⁶ (Arena, 2005, p. 60).

A leitura estática de Schumpeter apresenta, então, os seguintes pontos: 1) determina a formação de preços; 2) explica a condução da produção e consumo em caráter

⁴ Livre adaptação de "But Weber - for whom the object of social sciences is human action in society - resorts to Ideal Types, as mind constructs that are considered outside of experience, but nevertheless refer to the latter, thus achieving a synthesis between conceptualisation and empirical reality. JAS, in contrast - more interested in the scientific rigour of economics - makes use of analysis and decomposes economic phenomena into the elementary data in order to subsequently reconstruct the more complex forms. It is this procedure that constitutes the "methodological individualism" (an expression he himself coined), since it is the only procedure that makes it possible to pass correctly from disaggregated to aggregated phenomena" (Faucci; Rodezno, 1998, p. 34).

⁵ Livre tradução de: "Statics and Dynamics are completely different fields, dealing not only with different problems, but also with different methods and different material" (Schumpeter, 1908 apud Machlup, 1951, p. 149).

⁶ Livre tradução de: "[...] in Schumpeter's concept of the circular flow, it is adaptability rather than optimality that rules individual behavior" (Arena, 2005, p. 60).



repetitivo; 3) isola as condições concernentes ao equilíbrio das considerações dinâmicas; 4) denota a força “equilibradora” do homem médio que se adapta às ações “desequilibradoras” do empresário; 5) determinação das novas combinações de preço e quantidade capazes de restaurar o equilíbrio (Santarelli; Pesciarelli, 1990, p. 680).

Nesse sentido, explica seu motivo para superar o esquema estático: Eu senti fortemente que isso estava errado, e que havia uma fonte de energia dentro do sistema econômico que por si perturbaria qualquer equilíbrio que pudesse ser obtido. Se assim o é, então deve existir uma teoria puramente econômica da mudança econômica que não é meramente dependente de fatores externos impulsionando o sistema econômico de um equilíbrio para o outro. É tal teoria que eu tentei construir, e acredito agora, como acreditei então, que ela contribui algo para a compreensão das disputas e vicissitudes do mundo capitalista e explica um sem-número de fenômenos, em particular o ciclo de negócios, mais satisfatoriamente do que é possível explicá-los por meio do aparato Walrasiano ou Marshalliano⁷ (Schumpeter, 1951, p. 160).

Schumpeter (1997) argumenta que, dos quatro “ramos de renda” conhecidos: salário, aluguel, juro e lucro, as únicas remunerações existentes no fluxo circular se reduzem aos ganhos dos trabalhadores e proprietários de terra. Tais ganhos refletiriam o valor do produto marginal de sua contribuição na produção. Em consonância com Böhm-Bawerk (1986), para quem terra e trabalho eram os fatores originais de produção, para Schumpeter (1997) salário e aluguel, podem ser denominados de ramos de renda “estáticos”, sempre existindo, quer no fluxo circular ou fora dele.

Uma vez que no fluxo circular inexistente qualquer excedente líquido para desviar os bens de capital de seus usos antigos para novos, o papel do capitalista é justamente o de adiantar recursos por meio dos quais se pode reorganizar a estrutura de produção, recebendo como remuneração o juro. Nas palavras de Wolfson: “Para Schumpeter, capital é uma função ao invés de uma coisa. É uma função particular que, em uma economia capitalista, é cumprida por uma soma em dinheiro direcionada em uma maneira particular”⁸ (Wolfson, 1958, P. 35).

Assim, para Schumpeter não existe juro no equilíbrio do fluxo circular. Isso porque, se as funções de produção estão fixas de modo a maximizar as funções de utilidade dos agentes, segue que, no fluxo circular, não há outra fonte de recursos além do trabalho e da terra (Schumpeter, 1997, P. 51) e, portanto, não há outras remunerações, exceto salário e renda da terra. Apenas forças exógenas ou endógenas são capazes de efetuar

⁷ Livre tradução de: “*I felt very strongly that this was wrong, and that there was a source of energy within the economic system which would of itself disrupt any equilibrium that might be attained. If this is so, then there must be a purely economic theory of economic change which does not merely rely on external factors propelling the economic system from one equilibrium to another. It is such a theory that I have tried to build and I believe now, as I believed then, that it contributes something to the understanding of the struggles and vicissitudes of the capitalist world and explains a number of phenomena, in particular the business cycle, more satisfactorily than it is possible to explain them by means of either the Walrasian or the Marshallian apparatus*” (Schumpeter, 1951, p. 160).

⁸ Livre tradução de: “*For Schumpeter, capital is a role rather than a thing. It is a particular role which, in a capitalist economy, is played by a sum of money put to use in a particular fashion*” (Wolfson, 1958, p. 35).



mudanças no fluxo circular, sendo a segunda causa o foco da análise de desenvolvimento de Schumpeter. Para ele, as explicações dos juros a partir da produtividade física dos bens de produção, do fator abstinência ou da preferência temporal são errôneas (Anderson, 1915, P. 656).

Para Schumpeter, o âmbito no qual notamos o fenômeno do juro em sua forma pura é o empréstimo em dinheiro, existindo dois tipos: para consumo e produtivo. O empréstimo para consumo pode ser utilizado tanto propriamente à compra de bens de consumo, como também na manutenção de um investimento. O caso do empréstimo produtivo, todavia, é o mais relevante, já que ele é direcionado para uma reestruturação e expansão da estrutura produtiva. Assim, o juro é “aquilo que é essencial para empréstimos, que são usados para a criação de novas indústrias, novas formas de organização, novas tecnologias [...]”⁹ (Schumpeter, 2010b, P. 299). Assim, o sistema de crédito propiciado pelos bancos é fundamental ao disponibilizar capital, de modo que o fluxo circular com sua estrutura de produção fixa possa ser reorganizado.

Nesse sentido, podemos depreender que o decurso do desenvolvimento suscitado pela introdução da inovação é marcado por efeitos encadeados iniciados pelo empresário inovador, que alteram a estrutura de preços relativos e as decisões de produção e consumo de inúmeros agentes econômicos. Esse processo pode ser denominado de ‘transformação econômica’, em oposição aos modelos de crescimento neoclássicos. De fato, Schumpeter ocupa-se com os impactos das decisões de agentes econômicos que ativamente buscam melhores condições e que refletem suas escolhas na estrutura de preços relativos, não simplesmente tomando-os como dados (Dahmén, 1984, p. 26–27).

Para melhor esclarecer o que diferencia o impacto exógeno do endógeno, Schumpeter (1947, p. 150) menciona dois tipos de resposta que agentes podem dar: adaptativa e criativa. Na adaptativa os agentes econômicos acomodam-se às novas circunstâncias, agindo passivamente aos estímulos; ele exemplifica essa reação a partir de um aumento populacional ou a imposição de tarifa aduaneira. A segunda resposta resultará na introdução do elemento propriamente dinâmico no fluxo circular: a resposta criativa denota uma nova forma de se produzir e conduzir os negócios. Esse elemento criativo apresenta três características: não é passível de articulação *ex ante* por parte do economista, pois pode apenas ser tratado após sua ocorrência; os efeitos suscitados pela introdução da inovação não podem ser estudados deterministicamente, pois sua introdução leva a tal alteração nos dados iniciais e respostas por parte de outros agentes que inviabiliza um tratamento preditivo; finalmente, essa resposta criativa exige que ao menos um indivíduo com objetivos peculiares a leve a cabo: o empresário.

Consequentemente, para Santarelli e Pesciarelli (1990, p. 684–686), os dois tipos de resposta apontados por Schumpeter podem ser identificados com a predominância de um ou outro tipo de homem: o homem “hedonista” adota resposta adaptativa aos dados, enquanto o homem “enérgico” adota a resposta criativa aos dados, o empresário se identificando claramente com o segundo. Nesse sentido, Schumpeter caracteriza o

⁹ Livre tradução de: “[...] *the essential thing for loans, which are used for the creation of new industries, new forms of organization, new technologies [...]*” (Schumpeter, 2010b, p. 299).



empresário como tipo enérgico, pois “a inovação de práticas comerciais ou técnicas é algo extremamente arriscado e difícil que requer energia e coragem “sobrenormais” para ser posta em prática” (Schumpeter, 2010b, P. 37).

Cabe uma última colocação quanto à análise estática: para Schumpeter a condição que marca o fluxo circular não é apenas um esquema teórico, como também um aspecto real do mundo. A característica de adaptação que marca o fluxo circular não é somente um construto imaginário para explicarmos conceitos, mas sim o próprio mecanismo equilibrador que leva a economia a um novo ponto de equilíbrio.

O empresário schumpeteriano, conseqüentemente, não traz uma mera adaptação das circunstâncias ao seu redor, mas impulsiona um processo de desenvolvimento que é radicado em novas formas de alocação e combinação de recursos existentes, sendo que existem cinco formas de se inovar e impelir um processo de desenvolvimento: novos bens de consumo de qualidade única; novos métodos de produção; abertura de novos mercados; descoberta de novas combinações de insumos, ou até mesmo novos insumos a serem utilizados; e a reorganização de um setor, como a criação ou destruição de um monopólio (Schumpeter, 1997, P. 76). Esse processo de introdução de inovações com suas reverberações sobre o sistema econômico ele denominou de “destruição criativa”. Esta não se refere apenas à introdução de inovações que retira a economia do equilíbrio ou da trajetória de equilíbrio, como também aos impactos assimétricos sobre as velhas formas de produção e bens de consumo consideradas inferiores. As inovações, assim, indicam o sucesso relativo de alguns empresários e, simultaneamente, a derrocada dos produtores “habituais”. Contudo, uma vez introduzida a inovação, [...] o sucesso fica à vista de todos, tudo se torna muito mais fácil. Ela pode agora, com muito menos dificuldade, ser copiada e, até mesmo, melhorada – e milhares invariavelmente a copiam –, o que explica os grandes saltos de progresso, bem como os retrocessos, trazendo atrás de si não somente a perturbação inicial, inerente ao processo, mas também toda uma corrente de perturbações secundárias e possibilidades – embora não mais que possibilidades – de catástrofes ou crises periódicas. (Schumpeter, 2010a, p. 37)

Se a análise estática trata de ações adaptativas incitadas por mudanças exógenas em dados, Schumpeter assim descreve a análise dinâmica: O desenvolvimento, no sentido em que o tomamos, é um fenômeno distinto, inteiramente estranho ao que pode ser observado no fluxo circular ou na tendência para o equilíbrio. É uma mudança espontânea e descontínua nos canais do fluxo, perturbação do equilíbrio, que altera e desloca para sempre o estado de equilíbrio previamente existente. Nossa teoria do desenvolvimento não é nada mais que um modo de tratar esse fenômeno e os processos a ele inerentes. (Schumpeter, 1997, P. 75).

O empresário schumpeteriano não é identificado com uma categoria ou classe social específica, podendo emergir de qualquer estrato social (Sweezy, 1943, P. 94), sendo fazendeiro, mecânico, vendedor, atendente, dentre outras profissões. O empresário é aquele indivíduo que, ao enfrentar as condições e estruturas presentes no mercado, quebra a resistência da população às suas inovações; ele efetua um ato fundador criativo (Anderson, 1915, P. 652).



É ao introduzirmos sua figura que compreendemos como surgem os juros e sua relação íntima com o quarto ramo de renda indicado acima: lucro. Como visto, no equilíbrio não existe excedente algum na forma de bens ou renda; toda produção é absorvida pelos agentes econômicos. Neste caso, também por definição, inexistente poupança que permita ao empresário recombinar os recursos produtivos da forma que lhe aprouver.

O empresário deverá elevar a demanda por bens de capital existentes, de modo a recombiná-los de outras maneiras, elevando seus preços. Para tanto, deve convencer os capitalistas de que seus projetos de inovação apresentam perspectivas positivas o suficiente para justificar a tomada de crédito. É importante notar que a ideia de expectativas associada à ação empresarial já está presente em Schumpeter, como pode ser observado na seguinte passagem: Após completar o seu negócio — portanto, em nossa concepção, após o período ao fim do qual os seus produtos estão no mercado e os seus bens produtivos foram gastos —, se tudo correu de acordo com as suas expectativas, ele enriqueceu a corrente social com bens cujo preço total é maior do que o crédito recebido e do que o preço total dos bens direta ou indiretamente gastos por ele. (Schumpeter, 1997, P. 114)

Duas consequências surgem, portanto, da tomada de crédito direcionada a novos empreendimentos: o quarto ramo de renda acima apontado, ou lucro; e a desvalorização dos bens de capital existentes (Schumpeter, 2010b, P. 307). Essa demanda e oferta de fundos emprestáveis suscita simultaneamente o juro, cuja existência depende, portanto, da habilidade dos empresários em levar a cabo projetos de investimento audaciosos. Assim, o juro é uma espécie de “imposto” sobre a atividade lucrativa do empresário, que só vingou devido ao empréstimo do capitalista.

O lucro, então, é um excedente da atividade empresarial decorrente da disparidade entre os custos de produção e os preços dos bens de consumo final. O empresário, ao adotar novas estratégias de produção e combinação de insumos, induz a uma rearticulação dos planos dos outros produtores, que são atraídos pelos ganhos potenciais do novo mercado ou modo de produção. A adoção dessas novas estratégias de produção com a recombinação dos bens de capital pode ser uma indicação de que Schumpeter procurava aproximar a teoria do empresário com a teoria da produção e capital.

Nota-se, portanto, que o empresário é um elemento essencial para a dinâmica do capitalismo, de acordo com Schumpeter. Tanto que o autor é bastante cético em relação ao futuro do capitalismo, pois com o avanço para o “capitalismo oligopolizado” a inovação é rotinizada em departamentos de Pesquisa & Desenvolvimento de grandes empresas e deixa de ser, preponderantemente, resultado da ação independente do empreendedor, um tipo enérgico, capaz de impor sua liderança. Assim, o sistema em que o sucesso de uma empresa decorria do sucesso de seu fundador perderia importância relativa, dando margem a um outro sistema de seleção de líderes corporativos, cujo sucesso estaria mais associado a aptidões políticas.



Assim, para Schumpeter, “o capitalismo, embora economicamente estável, e mesmo adquirindo estabilidade, cria, ao racionalizar a mente humana, uma mentalidade e um estilo de vida incompatíveis com suas próprias condições, motivos e instituições sociais fundamentais” (Schumpeter, 2010a, p. 38).

2 A função empresarial em Ludwig Lachmann

Ludwig Moritz Lachmann estudou na Universidade de Berlin, tendo como orientador Werner Sombart. Foi com seu tutor pessoal, Emil Kauder, que seus estudos da Escola Austríaca se aprofundaram, assim caracterizando seu pensamento nessa época: 1) teoria subjetiva do valor e custo; 2) abordagem causal ao invés de funcional de Lausanne; 3) teoria de Mises-Hayek do ciclo econômico; 4) e, posteriormente elaborado, seu primeiro contato com o método ‘*verstehende*’ weberiano (Grinder, 1977, p. 7–9).

Lachmann, entretanto, apresenta uma abordagem que se desvia da interpretação “*mainstream*” da Escola Austríaca, notadamente, se valendo de uma abordagem caracterizada pela predominância da divergência das ações entre indivíduos, sendo que o processo de mercado promove uma tendência não equilibradora, mas “desequilibradora”.

Segundo Lavoie (Lavoie, 2005, p. 8–9) dois aspectos permeiam a obra de Lachmann: significado e expectativas. Lachmann via na ciência econômica, e em particular na visão Austríaca, um ramo do conhecimento visando a compreensão (*Verstehen*) do fenômeno econômico. Esta posição repercute em seus escritos, almejando a construção de um modelo capaz de tornar inteligível a ação do homem, ao contrário das ciências naturais, as quais lidam com regularidades observáveis. O fenômeno econômico deve ser visto como um reflexo das percepções e escolhas de indivíduos.

Para Lachmann, assim como para os austríacos, a aplicação consistente do individualismo metodológico, tanto em seu aspecto ontológico quanto propriamente metodológico, é imprescindível para a análise adequada do fenômeno social. Ao examinar os efeitos da ação individual, Lachmann utiliza o tipo ideal como ferramenta de interpretação, ou a abstração de uma ou mais propriedades comportamentais de um agente, de modo que se possa compreender um processo (Gloria, 2019, p. 216–220). No entanto, o próprio Lachmann (2007) aponta não ser possível adotar o tipo ideal como conceito fundamental de sua teorização, uma vez que carece de uma referência específica à ação humana, podendo ser aplicado até aos reinos animal ou vegetal. Nesse sentido, uma noção mais adequada para um método de interpretação é a noção de plano, que contempla o resultado da ação humana em fenômenos observáveis (Lachmann, 2007, p. 29).

Essa posição deriva de uma distinção traçada entre dois tipos de processos sociais. O primeiro processo é ‘mecânico’ e é identificado pela conduta dos homens diante do mundo: suas ações se baseiam em uma disposição a atingir o equilíbrio, assim comportando-se para corrigirem os desajustes existentes. O processo ‘orientativo’, por sua vez, é radicado na autonomia da mente do homem diante do mundo, que seletivamente interpreta e modifica o mundo através da ação. Esse processo orientativo



é a chave para se compreender o processo de mercado para Lachmann, para quem o construto do equilíbrio é concebível apenas em uma situação tal que não exista formação de novo conhecimento. Na economia de mercado real, no entanto, a interação entre indivíduos sempre resulta em novas possibilidades e ocorrências inesperadas, existindo formação de novo conhecimento e novos planos. A causa eficiente do “[...] processo de mercado em movimento contínuo, assim, é a contínua disseminação de novo conhecimento”¹⁰ (Lachmann, 2005a, p. 199–200).

Sendo a inteligibilidade do fenômeno econômico marcada pela compreensão da estrutura das ações do homem, Lachmann buscou estender o subjetivismo metodológico dos Austríacos para o campo das expectativas. Notam-se, portanto, três fases do subjetivismo: valor, planos (ou escolhas) e expectativas. Carl Menger foi responsável pela repercussão do primeiro tipo, opondo uma concepção do valor fundada na percepção de bem-estar que um bem traz ao agente à leitura do valor objetivo (valor-trabalho). Mises, por sua vez, articulou um sistema praxeológico de análise do fenômeno econômico no qual o indivíduo não tomava como ‘dados’ os meios ou fins ao seu redor, escolhendo os recursos que a seu ver melhor poderiam levar a consecução do fim desejado, o qual também era subjetivamente concebido (Anjos, 2015, p. 41). Foi George Shackle quem, segundo Lachmann, teria articulado melhor o papel das expectativas no processo de decisão individual.

Toda ação tem em mente um plano que foi construído, e é logicamente anterior a sua execução. A essência de qualquer plano apresenta uma estrutura de meios e fins, e a própria distinção entre eles indica uma disparidade temporal irreversível entre a ação no presente e a obtenção do fim no futuro. Não fosse pela escassez dos meios ao dispor do agente, todos os fins poderiam ser obtidos imediatamente (Lachmann, 2005b, p. 214–215). É com esse pano de fundo que Lachmann insere no campo austríaco o papel das expectativas.

Tendo a expectativa de um agente alguma referência ao estado futuro de um ente ou circunstância, ela está intimamente ligada à questão do conhecimento. A circunstância ao alcance do indivíduo é definida por ele não de maneira objetiva, assumindo um caráter puramente absoritivo: indivíduos diferem em suas interpretações dos dados, categorizando ativamente as informações e bens segundo suas estruturas de preferências e imaginações (Lachmann, 1943, p. 14).

Na obra de George Shackle, Lachmann enxerga uma continuidade da tradição subjetivista na economia, identificando-a com a terceira fase de subjetivismo que ele denominou de ‘subjetivismo da mente humana’, levando-o a incrementar sua análise de expectativas ao método Austríaco. O estado de equilíbrio visualizado pelos neoclássicos exige não apenas que o conhecimento presente de cada agente seja conhecido por todos os demais, mas também que as próprias ações considerem as expectativas dos demais agentes, de modo que cada ação esteja em equilíbrio com as demais, ou seja, consistência interpessoal nos planos, configurando a definição de equilíbrio hayekiana. Porém, os

¹⁰ Livre tradução de: “[...] *the market process in continuous motion thus is the continuous dissemination of new knowledge*” (Lachmann, 2005a, p. 199–200).



eventos futuros, sendo desconhecidos e frutos mesmo das próprias escolhas atuais, quebram qualquer estado de equilíbrio momentâneo. Seguindo Shackle, ele indica que o processo de mercado envolve um mundo ‘caótico’, ‘caleidoscópico’ por estar sempre em alteração (Lachmann, 1976, p. 55–56).

A obra de Shackle se configura como uma investigação da escolha do homem e seus resultados. Para tanto, ele se vale de três pressupostos: 1) a ação do homem não percorre caminhos predefinidos, sendo fundamentalmente volitiva; 2) não existe meio pelo qual se dirimir os planos individuais e suas consequências antes de se manifestarem; 3) a incerteza em que vigora a conduta do homem não é absoluta, subentendendo uma ordem material que pode ser observada e interpretada segundo o agente, ou seja, sua ação não é inteiramente fútil (Anjos, 2015, p. 53). Decorrente dessa visão seguem um repúdio em relação a objetivos preditivos com relação ao comportamento do homem, por um lado, e a intenção de se construir uma ciência econômica que preze pela mera identificação das possibilidades das escolhas do homem, por outro. Essas possibilidades são parte de uma “surpresa potencial”, não previsível e que faz parte do ato de escolha do homem (Anjos, 2015, p. 55–56).

Em uma de suas obras mais importantes, *Capital and Its Structure*, Lachmann aponta para as características subjetiva e dinâmica da teoria do capital, a qual é imprescindível para a compreensão adequada do processo de mercado. Para Lachmann (1978), em um ambiente no qual os dados não se alteram, e as expectativas dos agentes são unívocas, no sentido de serem compatíveis entre si, o resultado em nível macroeconômico é de um equilíbrio interpessoal das ações. Isso significa que ação alguma seria inesperada, nem causaria perturbações que levassem a conflitos entre os planos dos agentes. Nesse contexto, seria adequado falar de um ‘estoque’ de capital, definido como o total dos recursos produtivos (terra, insumos e bens de produção ou de capital) utilizados nos processos de produção. Pressupõe-se que esse capital possa ser reduzido a um denominador comum, imediatamente assumindo valor em termos monetários.

A principal crítica que Lachmann faz a essa descrição usual do capital é que ela assumiria justamente um ambiente estático, incompatível com as condições erráticas do mundo real. Em uma situação de desequilíbrio em que, por definição, os planos dos agentes contemplam objetivos por vezes divergentes entre si, o valor do capital para cada empresário vai diferir dos demais, já que o valor do capital depende da expectativa dos fluxos que o produtor espera receber. Como resultado, o valor em moeda desses bens de capital não mais reflete as perspectivas dos produtores.

O capital para Lachmann é definido como “estoque (heterogêneo) de recursos materiais”. Sob recursos materiais ele insere terra e bens de capital (máquinas e equipamentos), todavia sua análise enfatizará o papel dos bens de capital para os processos de produção (Lachmann, 1978, p. 11). Segundo Lewin (2011, p. 131–132), Lachmann rejeita a teoria do estoque de capital em prol de uma teoria da *estrutura* de capital. A ênfase de Lachmann no caráter heterogêneo do capital se refere aos diferentes usos para os quais os bens de capital podem ser direcionados: o cerne da investigação não é uma característica técnica ou física como a aparência, mas sim econômica, com a possibilidade do mesmo bem de capital ser direcionado para usos que o produtor julga



serem adequados. Esse direcionamento dos bens de capital, por sua vez, indica que cada bem de capital apresenta usos múltiplos, para os quais apresenta um grau maior ou menor de eficácia, sugerindo a ‘*especificidade múltipla*’ dos bens de capital (Lachmann, 1978, p. 2–3). A possibilidade de que um bem de capital originalmente feito para cumprir uma determinada função seja conduzido para outros usos está intimamente ligado às expectativas, estando aí o cerne da concatenação entre teoria do capital e teoria do empresário em Lachmann, melhor descrito adiante.

O plano do agente sempre contempla, como foi visto, uma estrutura de meios e fins, sendo que qualquer plano implica uma interpretação dos dados segundo a perspectiva de cada agente, bem como considera uma interpretação dos dados futuros (expectativas). Considerando o fim escolhido pelo agente, o plano de produção deverá considerar não qualquer combinação de bens de capital, já que inexistente homogeneidade, mas uma combinação peculiar, tal que seja capaz de conduzir ao fim desejado. Da condição de ‘*especificidade múltipla*’ segue a *complementaridade* dos bens de capital no âmbito de um plano de produção (Lachmann, 1947, p. 110). Aqui se têm em vista duas propriedades do plano de produção em relação à complementaridade: técnica e econômica. Apesar de todo bem de capital ser criado segundo um conjunto definido de possibilidades de direcionamento, apenas sua viabilidade em termos de retorno importa para o agente, e isso dependerá de sua perspectiva quanto ao futuro do negócio. Como resultado desse raciocínio, temos uma ‘*estrutura de capital*’ da sociedade, a qual é formada pelo conjunto dos planos de negócio individuais, finalizando ele que: “A Teoria do Capital é, em última instância, a morfologia das formas que esse padrão assume em um mundo em mudança”¹¹ (Lachmann, 1978, p. 3–4).

Os planos de negócio individuais são elaborados pelo empresário, que cumpre papel decisório. O empresário lachmanniano tem ao seu redor diferentes possibilidades de planos articuláveis consonantes à sua percepção do mundo; para ater o objetivo ulterior concebido subjetivamente, ele escolhe os bens de capital e os avalia segundo uma combinação específica. Horwitz (2019) indica que, para Lachmann, [...] é o empresário quem é responsável por criar (em um sentido econômico, senão físico) ao menos alguns de seus bens de capital e conseqüentemente dotá-los com as qualidades específicas que eles requerem de acordo com sua visão do plano de produção. (Horwitz, 2019, p. 30–31)

Uma vez que pela própria natureza subjetiva das expectativas o futuro será imaginado de tantos modos quanto existem indivíduos, a possibilidade de cometimento de erros é uma realidade permanente. O processo de mercado “desequilibrador” leva a interações de caráter ora complementar, ora conflitivo.

O desequilíbrio resultante dos planos empresariais pode se dar por três motivos: 1) pode ter havido um erro na escolha dos bens de capital, de forma que não são tecnicamente capazes de obter o fim desejado; 2) os bens de capital foram articulados de maneira tecnicamente adequada, porém o empresário superestimou sua eficácia; 3)

¹¹ Livre tradução de: “*The theory of capital is, in the last resort, the morphology of the forms which this pattern assumes in a changing world*” (Lachmann, 1978, p. 3–4).



os bens de capital foram combinados adequadamente, porém circunstâncias inesperadas inviabilizam o projeto. Nos dois últimos casos ocorrem erros de expectativa, que incitam um processo de ajustamento (Lachmann, 1943, p. 15). De fato, a ação empresarial está intimamente ligada às expectativas com relação ao grau de sucesso de um investimento: “Empresários expressam suas expectativas formando e reorganizando combinações de capital; [...]”¹² (Lachmann, 2005c, p. 132.)

Esse processo de ajustamento manifesta outra propriedade da teoria do capital: a ‘*substitutibilidade*’. Todo plano corre o risco de fracassar ou, pelo menos, não atingir o fim da forma inicialmente imaginada, ensejando uma revisão nos planos. Assim, o grau de mobilidade que um bem de capital apresenta indica a facilidade com que pode ser utilizado no novo plano (Lachmann, 1947, p. 110).

Os conceitos de substitutibilidade e complementaridade são conectados por duas ‘fases’ do plano do agente. Em um primeiro momento, e no contexto do mesmo fim prospectado, todos os bens de capital contemplados no plano são complementares, e isto necessariamente pela própria natureza de qualquer plano. A propriedade de substitutibilidade emerge sempre que, para o mesmo fim, os meios sejam rearticulados em razão de um erro na condução do plano, a estrutura de capital do empresário exigindo que outro(s) bem(ns) de capital seja(m) introduzido(s) no plano (Lachmann, 1978, p. 56–57).

Tendo em vista o que foi desenvolvido até aqui, algumas colocações sobre o empresário lachmanniano se fazem necessárias antes de cotejarmos sua perspectiva com a de Schumpeter. O lucro empresarial está ligado a uma atividade fundada nas expectativas (baseadas na incerteza não associada com o conhecimento probabilístico) do empresário, não sendo, portanto, identificada com a atividade do capitalista, que suporta o risco do projeto. Consequentemente, o empresário de Lachmann não necessariamente atinge o objetivo almejado exatamente da maneira preconcebida, mas procedimentalmente decide quais serão os projetos que a seu ver serão mais lucrativos, processo esse marcado pelo ‘*learning by doing*’. Também, a ação empresarial é um fator endógeno de mudança econômica, não sendo consequência de elementos exteriores, mas um condutor autônomo dos planos individuais. Por fim, a característica notável do empresário que o diferencia dos demais tipos de agentes está no fato de proceder através da criação de combinações específicas de bens de capital, assim como recombina-las quando necessário (Endres; Harper, 2013, p. 306–307).

3 Pontos de contato e diferenças entre Schumpeter e Lachmann em relação à função empresarial

Observa-se, na obra de Schumpeter, que a interpretação das ações dos agentes econômicos em termos de comportamentos ‘adaptativo’ e ‘enérgico’ tensiona a análise de equilíbrio neoclássica, com a introdução de inovações ensejando reorganização dos

¹² Livre tradução de: “*Entrepreneurs express their expectations by forming and reshuffling capital combinations [...]*” (Lachmann, 2005c, p. 132).



dados. Analogamente, a análise de Lachmann das teorias do capital e do empresário na Escola Austríaca revela que o papel das expectativas na formulação de planos se traduz em interações divergentes entre empresários, de sorte que o processo de mercado é pautado por uma tendência desequilibradora. As referências que existem ao longo das obras de Lachmann sobre sua relação com as ideias de Schumpeter estão dispersas por seus livros e artigos. Não obstante, existem fortes indicações (e testemunhos) de que Schumpeter foi um autor que exerceu importância na trajetória de Lachmann.

O orientador de Lachmann, Werner Sombart, teria lhe indicado para ler, dentre alguns autores, Schumpeter (Grinder, 1977, p. 8). Fransman (2019, p. 44), descrevendo suas memórias de quando era aluno de Lachmann em Witwatersrand, relata que no escritório de seu professor havia uma fotografia de Schumpeter, além de Lachmann ter recomendado a seus alunos que lessem a *Teoria do Desenvolvimento Econômico* de Schumpeter.

Substanciando essa colocação, existem evidências ao longo da obra de Lachmann, como referências diretas e ideias correspondentes, que sugerem influência schumpeteriana em seus escritos. Ao longo desta seção, todavia, teremos como pano de fundo para a comparação uma constatação feita pelo próprio Lachmann em um artigo de 1948, em que, em uma nota de rodapé, ele descreve a relação entre sua teoria de investimento e a de Schumpeter. A citação por extenso, portanto, cabe aqui: Esta pode ser uma junção apropriada para esclarecer a relação na qual nosso argumento se posiciona para com a teoria do desenvolvimento econômico do Professor Schumpeter.

Ambos concernem processos dinâmicos irreversíveis. Em ambos os casos a natureza do processo consiste em que empresários, i.e., pessoas com um horizonte expectacional mais amplo do que os indivíduos comumente ilustrados na teoria estática, por seus atos modificam os dados do ambiente aos quais tais indivíduos [as massas de “seguidores”] ‘reagem’. Nosso argumento jaz na percepção de que todo investimento é um processo dinâmico, e depende da complementaridade de capital e das repercussões favoráveis de investimento que ele engendra como o principal motor de mudança.

Na teoria do Professor Schumpeter, por outro lado, a relação entre empresários e as ‘velhas firmas’, assim como entre os próprios empresários, é essencialmente competitiva e substitutiva. Apesar de indicações ocasionais para possíveis efeitos favoráveis de complementaridade (e.g.: ‘Eles procedem não exclusivamente sob o estímulo do prejuízo. Para algumas das “velhas” firmas, novas oportunidades de expansão se abrem: os novos métodos ou commodities criam novo espaço econômico.’ *Business Cycles*, Vol. I, p. 134), permanece claro que ele toma a competição como principal veículo da mudança dinâmica.

As duas teorias são assim vistas como examinando o que são na realidade diferentes elementos do mesmo processo. Nesse sentido, senão em seus objetos de estudo, elas podem ser ditas como sendo ‘complementares’¹³ (Lachmann, 1948, p. 712–713).

¹³ Livre tradução de: “This may be an appropriate juncture to clarify the relationship in which our argument stands to Professor Schumpeter's theory of economic development.”



A abordagem de Lachmann do processo de mercado enquanto processo contínuo e indefinido de revisões na estrutura de produção feita pelos empresários que ativamente prospectam novos planos apresenta um aspecto de 'destruição criativa' (LEWIN, 1996, p. 120). O empresário lachmanniano, apesar de não partir de um ponto inicial de equilíbrio como em Schumpeter, cogita, permanentemente, novos usos para seus bens de capital ou os redireciona, caso seu uso não esteja caminhando de acordo com os planos.

Lewin (2011) pontua a similaridade das perspectivas de ambos, a partir de um comentário de Schumpeter tratando da natureza da estrutura produtiva: O estoque inicial de bens não é nem homogêneo nem um montante amorfo. Suas diversas partes se complementam de uma forma que prontamente compreendemos assim que ouvimos falar de prédios, equipamentos, matéria-prima e bens de consumo. Algumas dessas partes devem estar disponíveis antes que possamos operar outras; e várias sequências ou atrasos entre ações econômicas se impõem e restringem ainda mais nossas escolhas; e elas fazem isso de modos que diferem enormemente segundo a composição do estoque com o qual temos de trabalhar. Expressamos isso ao dizer que o estoque de bens existente em qualquer instante do tempo é uma quantidade estruturada ou uma quantidade que apresenta relações estruturais dentro de si, que dão forma, em parte, ao curso subsequente do processo econômico (Schumpeter, 1963, p. 600).

Anjos (2015, p. 62) enfatiza que, para Lachmann, os agentes não consideram, na formulação de seus planos, apenas suas expectativas, já que a imaginação se dá em um contexto concreto, impondo uma limitação à execução desses planos. A limitação em questão se adequa ao caso em que os planos de um empresário se dão no âmbito de uma estrutura de capital individual, restando a ele conduzir seus projetos da maneira mais eficaz que ele enxerga, tendo em vista as quantidades de recursos produtivos existentes e o estado tecnológico.

Como foi visto na primeira seção, Schumpeter argumentou que, como a decisão empresarial é fruto de um plano orquestrado em sua mente, isso não nos permite aplicar métodos preditivos para antever os resultados concretos da ação do empresário, ou seja, não seria possível estimar, a partir de agregados - como aqueles relativos ao Investimento nas contas nacionais - mudanças na trajetória do crescimento econômica.

Both are concerned with irreversible dynamic processes. In both cases the nature of the process consists in that entrepreneurs, i.e., persons with a wider expectational horizon than the "individuals" ordinarily depicted in static theory, by their acts modify the environmental data to which such individuals "react." Our argument rests on the realization that all investment is a dynamic process, and relies on capital complementarity and the favorable investment repercussions it engenders as the main vehicle of change. In Professor Schumpeter's theory, on the other hand, the relationship between entrepreneurs and the "old firms," as well as among entrepreneurs themselves, is essentially competitive and substitutive. In spite of occasional hints at possible favorable effects of complementarity (e.g.: "They proceed not exclusively under the stimulus of loss. For some of the "old" firms new opportunities for expansion open up: the new methods or commodities create New Economic Space." Business Cycles, Vol. I, p. 134), it is clear that he regards competition as the main vehicle of dynamic change.

The two theories are thus seen to examine what are really different elements of the same process. In this respect, if not in their objects of study, they may thus be said to be "complementary" (Lachmann, 1948, p. 712-713).



Analogamente, Lachmann enxerga a mesma autonomia da mente humana ao tomar decisões no âmbito de produção, apenas elaborando o modo pelo qual os planos empresariais conduzem a economia a novos deslocamentos do equilíbrio. Em ambos vemos uma postura crítica ao economista que considera o problema econômico como uma mera otimização das ações em circunstâncias estreitas.

Uma das ideias mais notáveis em Lachmann e Schumpeter foi a ênfase que deram às mudanças no próprio modo de se produzir como resultado da ação empresarial. Em sua obra sobre ciclos econômicos, Schumpeter (1939, p. 87) dá uma definição mais específica da inovação, reduzindo a um denominador comum as cinco modalidades citadas na segunda seção: inovar significa mudar a função de produção, não meramente variar os coeficientes de produção da mesma função, através de novas combinações de recursos produtivos. Lachmann faz uma descrição similar da ação do empresário ao ligá-la a novos modos de se produzir: “Estamos vivendo em um mundo de mudança inesperada; portanto, combinações de capital, e com elas a estrutura de capital, estarão sempre se alterando, serão dissolvidas e reformuladas. Nesta atividade encontramos a verdadeira função do empresário”¹⁴ (Lachmann, 1978, p. 13).

Schumpeter (2010b, p. 302) dá indicações de observar no fenômeno do “capital” uma configuração heterogênea. Elaborando sua teoria dinâmica do juro, ele aponta dois níveis de repercussão da introdução da inovação, propiciada pela criação de fundos emprestáveis pelo capitalista. Em um primeiro nível a inovação insere novas combinações de bens de capital, lado a lado com as antigas formas de produção; este é um sentido que enfatiza o aspecto “produtivo” de novos empreendimentos. Mas essa ruptura ocorre também em outro nível: o surgimento de novas combinações de bens de capital, se bem-sucedidas, implica desvalorização das combinações preexistentes pertencentes ao fluxo circular. Em outras palavras, a ação do empresário leva a mudanças no valor de capital das estruturas produtivas. Nesse sentido, Schumpeter aponta: ‘Capital’ certamente sempre estará disponível, mas nem sempre é o mesmo. [...] O que contribui especialmente para esse erro é a circunstância em que se acredita que se vê que as novas ferramentas passam para o lugar das antigas e especialmente à posse do mesmo agente econômico, o qual ainda fala do seu ‘capital’ enquanto tal, até mesmo que ele tenha retirado o mesmo de um investimento e o ‘investido’ em outro lugar (Schumpeter, 2010b, p. 303, grifo do autor).

Os bens de capital em Schumpeter, tal como em Lachmann, apontam para características de heterogeneidade na estrutura de produção e subjetividade decisória. Os bens de capital se encontram em uma relação econômica e técnica específica, não aleatória. A inovação executada pelo empresário, ao inserir um novo modelo de negócios que difere dos demais, leva também a mudanças no valor estimado desses bens de capital. Esse processo decorre da particularidade ou uso para o qual aquela combinação específica de bens de capital existe: os antigos modos de produção conduziam à produção de bens que correspondiam à estrutura de preferências de agentes em circunstâncias (quase) imutáveis, enquanto a nova combinação aplicada pelo empresário schumpeteriano leva

¹⁴ Livre tradução de: “*We are living in a world of unexpected change; hence capital combinations, and with them the capital structure, will be ever changing, will be dissolved and re-formed. In this activity we find the real function of the entrepreneur*” (Lachmann, 1978, p. 13).



à alteração no valor dos bens de capital (desvalorização) das empresas que produziam na maneira recorrente. Ou seja, o valor dos bens de capital depende da estimativa quanto ao valor por ele criado (Schumpeter, 2010b, p. 303–306).

Lachmann (1978, p. 80–81) explicou, de modo análogo, a reavaliação do valor de capital dos diferentes projetos. A estrutura de capital de um determinado plano se altera com a substituição dos coeficientes de produção, por exemplo, a combinação específica dos bens de capital. A mudança no valor do capital advém da ‘indivisibilidade’ e ‘complementaridade’ dos planos. A introdução de novas formas de produção pode vir a exigir a utilização de bens de capital que não podem ser fracionados, bem como necessitarem de outros bens de capital compatíveis para sua execução, como a expansão de atividade ferroviária exige que se utilize trens como um todo, não sendo possível utilizar no projeto “frações” de um trem, assim como é necessário um certo número de trabalhadores qualificados a operarem aquele trem. Deste modo, os novos projetos (ou expansões de projetos existentes) tendem a levar à desvalorização daqueles bens de capital que apresentam baixa mobilidade ou que não podem ser facilmente convertidos para serem utilizados naquele projeto, ou à valorização de bens de capital que podem ser usados complementarmente naquele projeto. Lachmann, como Schumpeter, estabelece a distinção entre o empresário com seu ato criador original e o simples gestor. Nesse sentido, para Lachmann: “A revisão de planos é a função do empresário, como sua execução é aquela do administrador” (Lachmann, 2005c, p. 129–130).

O empresário de Schumpeter, tal como descrito por Lachmann na extensa citação do início da seção, pode ser visto no “limiar” entre as duas propriedades que pode tomar o plano de produção. Vale lembrar que Lachmann considera a substitutibilidade e a complementaridade como duas propriedades lógicas de um plano (respectivamente o início do plano e sua revisão). O empresário schumpeteriano, por um lado, é identificado com a categoria de substitutibilidade na medida em que ele considera as funções de produção “congeladas” do fluxo circular como incorretas segundo sua interpretação, incitando uma revisão dos planos para atender seus objetivos. Assim ocorre, pois ele não é um mero produtor como os demais, optando por incorrer em novas formas de produzir, em vez de produzir segundo as velhas funções de produção.

Por outro lado, sua decisão de produção apresenta também a característica de complementaridade, já que não pode efetuar um novo projeto com uma combinação aleatória de recursos, tendo que articulá-los coerentemente para que sejam capazes de alcançar seu objetivo singular. Outro modo de enxergar o aspecto de complementaridade é que, como exposto na seção anterior, todo agente tenciona fazer o melhor uso possível dos meios, e isso ocorre com esse empresário porque seu plano, por sua vez, é completamente novo. Deste modo, o empresário schumpeteriano pode ser associado aos dois momentos lógicos de um plano dos quais trata Lachmann.

Ainda observando o ponto sob o aspecto da teoria do capital, a categoria substitutibilidade “emerge” quando bens de capital pertencentes a planos diferentes não podem ser combinados por apresentarem alta especificidade (ou baixa mobilidade). Isso significa que aquelas estruturas de capital no fluxo circular, coerentes entre si por não levarem a distúrbios no equilíbrio, têm seus valores afetados pela inovação empresarial,



na medida em que esta forma de produção original apresenta uma combinação específica de bens de capital que não é totalmente compatível com os modos de produção dos velhos produtores. Assim, a teoria do desenvolvimento de Schumpeter dá ênfase, tal como indicado na citação de Lachmann, ao papel disruptor/desequilibrador do empresário, sem, no entanto, deixar de ser compatível com a categoria de ‘complementaridade’ de Lachmann. Lachmann foi situado em uma posição singular, como algo a ser absorvido pela Escola Austríaca, por incorporação do tratamento das expectativas de Shackle. Como evidenciado na primeira seção, também é possível notar em Schumpeter a presença desse elemento de expectativas, o que pode ser tomado como um elemento em comum em relação à Lachmann.

Em sua *Teoria do Desenvolvimento Econômico* Schumpeter dá indicações, ainda que não explícitas, de um tratamento embrionário das expectativas na teoria do empresário. Ao esclarecer a natureza das atitudes passivas que boa parte das pessoas no fluxo circular tem, explica que uma das principais características da liderança é optar por um curso de ação completamente novo, que por isso mesmo carece da familiaridade com que são conduzidos os antigos planos. O novo plano do empresário, portanto, estaria muito mais suscetível ao erro do que as velhas formas de se produzir, destacando que “o novo é apenas fruto de nossa imaginação”¹⁵ (Schumpeter, 1997, p. 92).

É importante salientar que também há importantes pontos de divergência entre as abordagens de Schumpeter e Lachmann. A primeira delas diz respeito à metodologia. Schumpeter é um instrumentalista que se baseou na tradição positivista de Mach e Poincaré, para quem resta ao economista usar as teorias e modelos que forem condizentes com suas necessidades de pesquisa. Lachmann foi seguidor de Mises e Weber, optando por uma abordagem interpretativa da ciência social, tentando aliar a praxeologia de Mises ao subjetivismo de Shackle.

No entanto, talvez o principal ponto de divergência entre os autores seja o ponto de partida das abordagens teóricas de cada um dos autores. Schumpeter pressupõe o equilíbrio do estado estacionário e daí insere uma causa que conduz ao estágio dinâmico, enquanto Lachmann jamais parte de uma situação de consistência interpessoal de planos, sendo esta possibilidade excluída pelo próprio postulado com o qual trabalha, o de que cada empresário age segundo planos formulados por expectativas divergentes, algo que impede qualquer situação de equilíbrio considerável.

Adicionalmente, Schumpeter opta por considerar o juro como um fenômeno puramente monetário decorrente da criação de crédito pelas instituições bancárias. Lachmann, por sua vez, acredita que a presença do juro decorre da preferência temporal e é uma categoria da ação humana presente inclusive na própria estrutura de produção, cuja extensão depende das preferências relativas dos indivíduos entre consumo presente e consumo futuro.

¹⁵ Livre tradução de: “[...] *the new is only the figment of our imagination*” (Schumpeter, 1997, p. 92).



Considerações Finais

Neste trabalho, analisou-se como dois economistas associados a correntes distintas do pensamento econômico podem ser conciliados. Por um lado, Schumpeter, que tem como ponto de partida de sua análise o estado estático, inspirado no equilíbrio geral walrasiano. Por outro lado, Lachmann, que alia o subjetivismo de fins e meios de Mises, às limitações do conhecimento de Hayek e o papel da incerteza e das expectativas do pós-keynesiano Shackle.

Guardadas as devidas ressalvas, as evidências textuais apontadas na seção anterior, extraídas dos próprios autores e de pesquisadores de suas obras, indicaram convergência de ideias a respeito do papel do empresário entre Schumpeter e Lachmann. Ao tratar da função empresarial e suas repercussões sobre a estrutura de capital, a interpretação de ambos os autores se distancia da abordagem *mainstream* que considera a ação dos produtores em termos mecânicos, tomada segundo decisões sistemáticas e objetivas, desconsiderando o papel interpretativo da ação empresarial.

Em particular, podemos destacar que a figura do empresário teve as seguintes caracterizações feitas pelos autores: Schumpeter elaborou a figura do empresário de acordo com sua característica psicológica, apontando sua postura audaciosa diante do mundo, em contraste com o homem rotineiro do fluxo circular, que simplesmente se ajusta aos estímulos externos; Lachmann apontou que a decisão empresarial sobre o plano de produção pressupõe uma interpretação sobre os dados ao seu dispor e sobre as mudanças que ele supõe que ocorrerão, manifestando-se nas inúmeras combinações de bens de capital e seus respectivos impactos sobre o valor de mercado dos empreendimentos.

É importante destacar que tanto para Schumpeter quanto para Lachmann o empresário exerce um papel desequilibrador. Para Schumpeter, ao romper as resistências e introduzir a inovação, o empresário destrói o equilíbrio do estado estático e o lucro resulta de sua ação empreendedora. A mimetização do processo pelos imitadores, por sua vez, faz com que o lucro econômico vá desaparecendo e transformando-se em ganho para a sociedade. Para Lachmann, embora a ideia de equilíbrio vá sendo paulatinamente rechaçada ao longo da evolução de sua obra, a ação do empresário é sempre desequilibradora.

Não há compatibilidade de planos individuais dos empresários. Sua abordagem do processo de mercado é evolucionária e há um mecanismo de seleção imposto pelo processo de mercado, baseado nos ganhos e perdas de capital, que conduz à permanente revisão de planos empresariais e recombinação da estrutura de capital das empresas. Como mostra Barbieri (2001, p. 53), a análise desse processo revela duas fases: inovação e imitação, em processo semelhante ao identificado por Schumpeter.

Schumpeter e Lachmann também incorporam as expectativas em suas análises a respeito do papel do empresário. Para Schumpeter, o empresário só introduz a inovação se tiver a expectativa de que conseguirá honrar o principal e o juro do crédito obtido junto ao capitalista e ainda terá lucro econômico com seu empreendimento. Para Lachmann, os



empresários testam e revisam suas expectativas no mercado, diante de seus resultados. É importante frisar que o subjetivismo de Lachmann implica que cada empresário tem uma expectativa diferente diante de uma mesma realidade objetiva.

Observa-se, então, que tanto para Schumpeter quanto para Lachmann, o empresário desempenha um papel central para a dinâmica do capitalismo. Ou seja, para ambos os autores a mudança econômica é endógena e o empresário é o agente responsável por essa mudança. Nesse sentido, vale notar que a perda de importância do empreendedor, com o avanço da sociedade para estruturas mais ologopolizadas, era um dos motivos do ceticismo de Schumpeter quanto ao futuro do capitalismo, expresso em textos como “Capitalismo, Socialismo e Democracia” (Schumpeter, 1961) e “A Instabilidade do Capitalismo” (Schumpeter, 2010a).

Também há importantes diferenças entre as abordagens de Schumpeter e de Lachmann. A principal delas reside no ponto de partida teórico. Schumpeter parte da perspectiva de um fluxo circular, inspirado no equilíbrio geral walrasiano. A ideia de equilíbrio mecânico, em que os meios estão dados, os fins são conhecidos e há compatibilidade de planos dos agentes, que são meros otimizadores é rechaçada pela Escola Austríaca - a qual Lachmann é vinculado - por desconsiderar a ação humana e o processo de descoberta via mercado. Para Lachmann a ideia de equilíbrio geral é pouco viável e impossível no processo de crescimento.

Perspectivas teóricas diversas frequentemente implicam diferentes abordagens metodológicas. Assim, embora Schumpeter e Lachmann compartilhem da perspectiva do individualismo metodológico, a abordagem schumpeteriana está mais próxima do funcionalismo, criticado pelos austríacos, enquanto a de Lachmann pode ser classificada como radicalmente subjetivista.

A despeito das divergências existentes, inerentes às diferentes lentes teóricas dos autores estudados, acreditamos que os pontos de convergência entre Schumpeter e Lachmann sejam suficientemente relevantes para explorar outros aspectos da vida econômica estudados por ambos. Em particular, parece promissora a avaliação da interpretação de Schumpeter e Lachmann sobre o papel das instituições, inclusive como fator condicionante das ações empresariais, além da possibilidade de identificar complementaridades nas respectivas interpretações quanto aos ciclos de negócios. Acreditamos que separar os pontos de divergência e identificar pontos de convergência entre diferentes autores e correntes do pensamento, integrando suas contribuições e afastando dogmatismos, permite uma análise mais rica e elucidativa dos fenômenos econômicos.

Referências

- ANDERSON, B. M. Schumpeter's Dynamic Economics. *Political Science Quarterly*, v. 30, n. 4, p. 645–660, 1915.
- ANJOS, R. C. Lachmann e a teoria do processo de mercado: entre o pensamento austríaco e o pós-keynesiano. 2015. Unesp, Araraquara, 2015. Disponível em:



- <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136104/000858347.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- ARENA, R. Schumpeter on Walras. In: ARENA, R.; DANGEL-HAGNAUER, C. *The Contribution of Joseph A. Schumpeter to Economics*. London: Routledge, 2005.
- BARBIERI, F. O processo de mercado na escola austríaca moderna. 2001. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-20102001-144955/publico/Fabio_Barbieri.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- BARBIERI, F.; FEIJÓ, R. L. C. *Metodologia do pensamento econômico: o modo de fazer ciência dos economistas*. São Paulo: Atlas, 2013.
- BÖHM-BAWERK, E. von. *Teoria positiva do capital*. São Paulo: Nova Cultural, v. 1, 1986.
- CARLIN, E. Schumpeter's constructed type—the entrepreneur. *Kyklos*, v. 9, n. 1, p. 27–43, 1956.
- DAHMÉN, E. Schumpeterian dynamics: Some methodological notes. *Journal of Economic Behavior & Organization*, v. 5, n. 1, p. 25–34, 1984.
- ENDRES, A. M.; HARPER, D. A. 'Wresting meaning from the market': a reassessment of Ludwig Lachmann's entrepreneur. *Journal of Institutional Economics*, v. 9, n. 3, p. 303–328, 2013.
- FAUCCI, R.; RODEZNO, V. Did Schumpeter Change His Mind? Notes on Max Weber's Influence on Schumpeter. *History of economic ideas*, v. 6, n. 1, p. 27–54, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23722383?seq=1#metadata_info_tab_contents>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- FRANSMAN, M. Lachmann and Schumpeter: Some Reflections. In: *Including a Symposium on Ludwig Lachmann, Bingley. Anais... In: (Research in the History of Economic Thought and Methodology*. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2019. Disponível em: <<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/S0743-41542019000037B006/full/html>>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- GLORIA, S. From Methodological Individualism to Complexity: The Case of Ludwig Lachmann. *Review of Political Economy*, v. 31, n. 2, p. 216–232, 2019.
- GRINDER, W. E. In pursuit of the subjective paradigm. In: GRINDER, W. E. *Capital, Expectations, and the Market Process: Essays on the Theory of the Market Economy*. Menlo Park: Institute for Humane Studies, 1977. 1977p. 3–24.
- HORWITZ, S. Ludwig Lachmann as a Theorist of Entrepreneurship. *Studies in Logic, Grammar and Rhetoric*, v. 57, n. 1, 2019.
- LACHMANN, L. M. The role of expectations in economics as a social science. *Economica*, v. 10, n. 37, p. 12–23, 1943.
- LACHMANN, L. M. Complementarity and Substitution in the Theory of Capital. *Economica*, v. 14, n. 54, p. 108–119, 1947.
- LACHMANN, L. M. Investment repercussions. *The Quarterly Journal of Economics*, v. 62, n. 5, p. 698–713, 1948.
- LACHMANN, L. M. From Mises to Shackle: an essay on Austrian economics and the kaleidic society. *Journal of Economic Literature*, v. 14, n. 1, p. 54–62, 1976.
- LACHMANN, L. M. *Capital and its Structure*. Kansas City: Sheed Andrews and McMeel, 1978.



- LACHMANN, L. M. Reflections on Hayekian Capital Theory. In: LAVOIE, D. (Ed.). Expectations and the meaning of institutions: Essays in economics by Ludwig M. Lachmann. London: Routledge, 2005a.
- LACHMANN, L. M. Vicissitudes of Subjectivism and The Dilemma of The Theory of Choice. In: LAVOIE, D. (Ed.). Expectations and the meaning of institutions: Essays in economics by Ludwig M. Lachmann. London: Routledge, 2005b.
- LACHMANN, L. M. Investment Repercussions. In: LAVOIE, D. (Ed.). Expectations and the meaning of institutions: Essays in economics by Ludwig M. Lachmann. London: Routledge, 2005c.
- LACHMANN, L. M. The Legacy of Max Weber. Berkeley: The Glendessary Press, 2007.
- LAVOIE, D. Introduction: Expectations and the meaning of institutions. In: LAVOIE, D. (Ed.). Expectations and the meaning of institutions: Essays in economics by Ludwig M. Lachmann. London: Routledge, 2005.
- LEWIN, P. Time, change and complexity: Ludwig M. Lachmann's contributions to the theory of capital. *Advances in Austrian Economics*, v. 3, 1996. Disponível em: <<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.22.2138&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- LEWIN, P. Capital in disequilibrium: The role of capital in a changing world. London: Routledge, 2011.
- MACDONALD, R. Schumpeter and Max Weber—central visions and social theories. *The quarterly journal of economics*, v. 79, n. 3, p. 373–396, 1965. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1882704.pdf?casa_token=t-dCy32E37kAAAAA:4nwfTjmomsa4D5fI3n_e5iLC0IKYPwYGE5gnXzo_mt0v4ECvOI0ObpFqxAlvjgfu48rI2XrgSoYmEiGBrWgW5T99tcJZlie2DWxlHBm_N4PehIBsD2ts4w>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- MACHLUP, F. Schumpeter's Economic Methodology. *The Review of Economics and Statistics*, v. 33, n. 2, p. 145–151, 1951.
- MARTES, A. C. B. Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 30, n. 2, p. 254–270, 2010.
- MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- ROBBINS, L. Um ensaio sobre a natureza e a importância da ciência econômica. São Paulo: Saraiva, 2012.
- SANTARELLI, E.; PESCIARELLI, E. The emergence of a vision: The development of Schumpeter's theory of entrepreneurship. *History of Political Economy*, v. 22, n. 4, p. 677–696, 1990.
- SCHUMPETER, J. Capitalismo, Socialismo e Democracia. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- SCHUMPETER, J. A instabilidade do capitalismo. In: IPEA. Clássicos de Literatura Econômica: textos selecionados de macroeconomia. 3. ed. Brasília-DF: IPEA, 2010a.
- SCHUMPETER, J. A. Business cycles. New York: McGraw-Hill, 1939. v. 1
- SCHUMPETER, J. A. The creative response in economic history. *The journal of economic history*, v. 7, n. 2, p. 149–159, 1947.
- SCHUMPETER, J. A. Preface to Japanese edition of *Theorie der wirtschaftlichen Entwicklung*. In: In: CLEMENCE, R. V. (Ed.) *Essays of JA Schumpeter*. Cambridge: Addison-Wesley Press, 1951.



- SCHUMPETER, J. A. *History of economic analysis*. New York: Oxford University Press, 1963.
- SCHUMPETER, J. A. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- SCHUMPETER, J. A. *The nature and essence of economic theory*. London: Routledge, 2010b.
- SHIONOYA, Y. Instrumentalism in Schumpeter's economic methodology. *History of Political Economy*, v. 22, n. 2, p. 187–222, 1990.
- SWEDBERG, R. Joseph A. Schumpeter and the tradition of economic sociology. *Journal of Institutional and Theoretical Economics (JITE)/Zeitschrift für die gesamte Staatswissenschaft*, p. 508–524, 1989.
- SWEEZY, P. M. Professor Schumpeter's theory of innovation. *The Review of Economic Statistics*, v. 25, n. 1, p. 93–96, 1943. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1924551.pdf?casa_token=DidEQ7zIBSYAAAAA:dP3puVrzN6BVK7OM0RGfxV0gBTRp9pexsCfIGflp3NGhBVqjwMLmE8uDShoG_CGe8NjWoCqttyKNzWKwQ9xbuCKIAFLehrNEkL0np0xKp2jXldpSPay-Tw>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- WEBER, M. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, G. (org.). *Weber. Coleção Grandes Cientistas Sociais*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- WOLFSON, R. J. The economic dynamics of Joseph Schumpeter. *Economic Development and Cultural Change*, v. 7, n. 1, p. 31–54, 1958.